

An aerial photograph of a dense forest of evergreen trees covered in a thick layer of snow. A winding road is visible through the trees, also covered in snow. The overall color palette is a monochromatic blue and white.

James Wood **UPSTATE**

SESI-SP editora

Alan Querry, um investidor imobiliário bem-sucedido do norte da Inglaterra, tem duas filhas: Vanessa, uma filósofa que vive e leciona em Saratoga Springs, NY, e Helen, executiva de uma gravadora com sede em Londres. As irmãs nunca se recuperaram do divórcio amargo dos pais e da morte precoce da mãe – particularmente Vanessa, que desde a adolescência era atormentada por crises de depressão. Quando sofre uma nova crise, Alan e Helen viajam para Saratoga Springs. Ao longo de seis dias de inverno no norte de Nova York, a família Querry começa a enfrentar os problemas que impulsionam este romance profundo e penetrante. Por que algumas pessoas consideram a vida muito mais difícil do que outras? A felicidade é uma habilidade que pode ser desenvolvida, ou é um feliz acaso do nascimento? A reflexão é útil à felicidade, ou dificulta a sua conquista? Se, como diz o filósofo favorito de Vanessa, “o único empreendimento sério é viver”, como devemos viver? Com uma visão humana rica e sutil, repleto de retratos pungentes e muitas vezes engraçados, vívido e com um senso de lugar, *Upstate* é um romance perspicaz e intensamente comovente.

James Wood é escritor da revista *The New Yorker* desde 2007. Foi o principal crítico literário do *The Guardian*, de 1992 a 1995, e editor sênior da *The New Republic*, de 1995 a 2007. Em 2009, ganhou o National Magazine Award por resenha e crítica. É autor de uma série de livros, entre eles *A coisa mais próxima da vida* e *Como funciona a ficção*, ambos publicados pela SESI-SP Editora, em 2017.

para Claire, Livia e Lucian

Primeiro ele tinha de ir visitar a mãe. Diria a ela alguma coisa sobre Vanessa — mas não tudo, é claro. A casa, a uns dez quilômetros pela estrada preferida, era antiga e impressionava com aquela austeridade cinza do norte tão de seu agrado. Mas o lugar tinha agora um ar de abandono: achava-se na inatividade do inverno. Havia quatro anos que a mãe vivia lá, mas ele ainda não se sentia seguro ao anunciar sua presença. A casa era também absurdamente cara e ele não poderia mais bancá-la. O que tinha ela, e o que *ele* tinha, pelo dinheiro? Dois quartinhos, em vez de um só, com um espaço extra para o sombrio amontoado de móveis antigos e pesados acumulados durante toda uma vida; talvez ela também ganhasse, nas sextas-feiras, com o chá, dois biscoitos.

Ele passou por duas portas corta-fogo, que se abriram bufando e retinham o odor bolorento de um fim de semana. Comida de escola. Diante do quarto da mãe (o Clarendon), ajeitou-se um pouco. Só depois de puxar a calça para cima, como um palhaço, e sacudir a poeira do paletó, ele bateu de leve e entrou. A televisão, graças a Deus, estava desligada. E a mãe dormia afundada na poltrona de chitão que seu pai tinha usado como o trono da família, de onde baixava normas e decretos por trás do jornal que lia. Miúda e encovada, ela já estava bem banguela. Como aquela velha piada de cabaré: *Seus dentes são como estrelas. De noite eles saem*. A tarde, porém, ainda estava no início. A mãe, quando respirava, parecia ter alguma coisa agarrada na garganta. Sempre com aquele narigão, em torno do qual parecia agora diminuir, encolhendo até os ossos, com aquele nariz, em forma de raiz, decidido e tenaz. “Sendo dela o que tenho, o meu, sem dúvida, ficará assim.” Ele se ajoelhou perto da mãe para falar em voz baixa. Ela abriu os olhos e, meio injuriada, disse: — Quando você entrou aqui, Alan? — como se ele tivesse estado a espioná-la.

— Acabei de chegar.

— Por favor, pegue meus dentes para mim, no copo, ao lado da cama — virou-se de lado e colocou a dentadura. — E agora temos de ter chá com biscoitos. Se você pedir, eles trazem — quando criança, num subúrbio de classe média baixa de Edimburgo, ela se tornara impopular na escola ao afetar uma pronúncia inglesa, ou talvez anglo-escocesa; depois da morte do marido, o sotaque dela parecia ter se acentuado de novo, em mais um ou dois graus, em geral com o efeito de fazê-la soar meio irritada.

Nesses dias, se ainda falava como patroa, na verdade ela dava mais a impressão de ser empregada, pequena, encurvada, tão modestas ou surradas eram as roupas que usava hoje.

— Você não precisa desse tal de xale, não é? — disse ele, erguendo-o dos ombros dela.

— Claro que não! Foi só para meu cochilo que o pus. Obrigada... Você parece muito cansado. Mas sabe que tem de se poupar, não é? Não se pode acender uma vela pelos dois lados do pavio.

— Fogo de artifício, talvez? — ele tinha acabado de fazer 68 anos. — Como vão as coisas?

— Bem, acho... Mas é claro — ela acrescentou, com um gesto de esplêndida autoridade em direção à janela — que esta vista inglesa não é minha paisagem.

— Até que não é tão ruim — disse ele, olhando para a série de árvores sem folhas e colinas geladas. Era ele quem pagava por aquela vista inglesa. — E sobre isso já falamos. Você não quer vir morar comigo, precisa de sua independência, embora ficasse muito mais em conta se mudasse para nossa casa.

— De maneira alguma. Acolhi sua avó, como você bem sabe, e meus 50 anos, por causa disso, passaram-se completamente *em branco*. Tudo que eu fazia, dia após dia, era cuidar dela. Nunca farei o mesmo a você.

As duas mulheres, na casa da família, pareciam se detestar; com dissimulada destreza, cada qual punha a outra em depressão permanente.

— Mas você gosta de minhas visitas. E quero visitá-la — ele pegou a mão dela. — Na Escócia, a três horas daqui, não seria nada bom para mim, ainda que lá você tivesse sua *própria paisagem* — ele disse isso de um modo muito gentil.

Chegou o chá, trazido por um adolescente de pele muito vermelha, que ofereceu um biscoito a cada um e se foi, certificando-se de levar de volta o prato ainda quase cheio.

— Rações do tempo da guerra por aqui! — disse a mãe. E o rapaz apareceu outra vez.

— Devo lembrá-la, senhora Querry — ele disse —, que os residentes vão se reunir às 3h30 no solário para a vacinação de inverno contra a gripe. Como sabe, é o reforço para os que não compareceram na primeira vez. A senhora vai precisar de ajuda?

— Não, obrigada. Meu filho me leva.

O quarto poderia ser bem pior. Um teto alto, emoldurado por florões que eram quase lauréis romanos; no papel de parede texturizado, certos detalhes em relevo lembravam lascas de amêndoas, mas na verdade sempre o faziam pensar em lascas de pele de criança escamada, no agradável tom de creme que tinham. E aquelas coisas dos pais, conhecidas por ele a vida inteira: a reprodução de uma aquarela da catedral de Durham, um espelho antigo no qual ninguém podia realmente se ver (parecia valioso, mas ele sabia que não era), uma almofada cuja capa lilás bem desbotada, comprada por ele mesmo na Heal's da Tottenham Court Road em Londres, não tinha sido trocada em trinta anos. Tudo era muito bom, ou tão bom quanto podia ser quando a vida inteira de uma pessoa se encontrava reduzida a lembranças de identidade. O lugar era satisfatório. Mas ele não poderia mais pagar por ele.

A mãe olhou para ele com aqueles olhos azul-claros — como os de Vanessa.

— Isto aqui está em pé de guerra! Minha vizinha do lado perdeu o aparelho de audição ontem. Ela o deixou num lenço de papel, em cima da mesa de cabeceira, e por engano a faxineira jogou fora, pensando que fosse lixo. E no quarto que fica a apenas duas portas, seguindo pelo corredor, Mary Binet está furiosa, porque gosta de conversar em francês com uma mulher que entende a língua, a única aqui que é capaz disso, e agora a direção mandou Mary parar de falar francês, pois, ao que parece, alguém se queixou (todos achamos que é um dos residentes, e desconfio muito bem de *quem seja*) de que elas estavam falando numa *língua secreta* para excluir os demais. Eu não conseguia entender o que elas diziam, mas vou sentir falta das conversas, porque eu gostava de

ouvir o francês... E agora a gerente vai embora no fim do mês. Ela é tcheca, acho, e é uma boa pessoa, embora por alguma razão *deteste* ser tomada por polonesa. Ela só esteve aqui por um semestre...

Ele a interrompeu:

— Mãe, tenho de ir aos Estados Unidos, por uma semana.

— Estados Unidos? Ah, sim. A trabalho? — como ela sempre tivera prazer em pronunciar essas palavras, intencionalmente ele as repetiu:

— A trabalho.

— Bem, então... não se meta em enrascadas.

— Eu me meter em enrascadas?

— É um país perigoso, pelo que ouço dizer... E foi lá onde aconteceu aquela coisa horrível com as torres. Você vai poder estar com Vanessa? Ela sempre quis que você a visitasse em... naquele lugar...

— Saratoga Springs.

— Isso, eu queria dizer... Salsaparrilha.

— Sim, vou estar com ela e com Josh.

— Oh, meu Deus... Coragem lá! Ele é muito jovem e, com certeza, não serve para ela.

— Mas você nunca o conheceu!

— É verdade, nenhum de nós, mas você sabe que tenho um telefone aqui, recebo *informações* e eu já estava a ponto de falar, antes de você me interromper, que Vanessa já não é mais uma menina, não é?

— Não estou entendendo, mãe. Agora você está abençoando Josh?

— Ué, por que a coitadinha não teria um namorado? Talvez seja Josh o escolhido. Quando eles se casarem, *você* há de culpá-lo por levar Vanessa para longe...

— Oh, Vanessa já estava longe. Bem longe. Afinal foi lá, e não aqui, que ela fez o doutorado. Foi onde tudo começou.

— Garota boba. Pena ela não ter estado aqui no Natal. Acho que deve ter preferido passar um tempo com o xodó.

Houve então um momento ou dois de um silêncio fora de moda: o tique-taque do relógio de pulso, todo trabalhado e caro, da mãe. Presente dele.

— Alan, meu amor, você pode me ajudar até o solário? Quero chegar bem cedo, enquanto a agulha ainda estiver afiada...

Os dois riram juntos e ele, ajudando-a a levantar-se, caminhou ao lado dela, que se agarrou nos tubos do andador cinza-rato, uma maravilha da engenharia, tão forte quanto um monta-cargas mas tão leve quanto os ossos de uma velha senhora. Tinha rodinhas na frente e duas bolas de tênis, amarelas e achatadas, presas nas pernas traseiras. Estas se arrastavam pelo carpete enquanto a dupla de idosos, mãe e filho, lentamente seguia pelo corredor.

A residência de Querry tinha sem dúvida boa aparência, como se fosse construída sobre rocha, e não na areia. Uma entrada curva coberta de cascalho (os pneus do carro, quando ele subia agora por ela, prensavam e deslocavam pequeninos calhaus brancos numa saraivada de luxo), grandes blocos de pedra, janelas altas, uma cinta de metal preto, em forma de S, mantendo juntos alguns labores de cantaria bambos, uma porta de entrada antiga e sólida, uma raspadeira ondeada, de ferro preto, para limpar solas de botas (de um tipo que só se podia ter por herança, jamais por compra). A casa datava de cerca de 1860. Alan Querry não a tinha construído, se bem que às vezes até sentisse que sim. Foi ali que ele e Cathy trouxeram ao mundo Vanessa e Helen, e ali que ele as criou depois de Cathy ter ido embora. Ali estavam a janela que ele mesmo trocou, as calhas que prendeu com as próprias mãos, o telhado novo da garagem, que pôs para substituir o antigo com a ajuda de Rob, o faz-tudo meio retardado da aldeia.

Parecia a casa de alguém que tinha se dado bem na vida. Ele morava na parte mais requintada de Northumberland, onde todos os vizinhos, se essa palavra pudesse ser aplicada a pessoas tão ricamente distantes, tinham a senhorial aparência de “fazendeiros”. Todos eles foram alunos internos em Eton e andaram pelo país a passos largos, usando calças folgadas de veludo cor de ferrugem, desbotadas mas de certo modo ainda reluzentes, como o cobre de uma antiga moeda. (Onde eles arranjavam aquelas novas roupas “velhas” que custavam tão caro? Na New & Lingwood da Jermyn Street, em Londres: ele mesmo fizera uma compra lá certa vez, suando mas triunfante na quietude do empório.) O vizinho mais próximo era um baronete de meia-idade já calvo, homem gentil mas pouco interessante, que nada tinha feito na vida e cuja única distinção, célebre na área, era ter lido *O iluminado* logo na primeira edição. O livro o assustou tanto que ele passou três noites sem dormir.

Não era o mundo dele. O pai, abandonando a escola aos 16 anos, tinha ingressado na indústria de construção naval em Newcastle. Esperto e ativo, logo passou a trabalhar na Parsons, comprando peças para as grandes turbinas a vapor da empresa. Alan nasceu em Newcastle; depois da guerra, a família Querry se mudou para Durham, onde o pai acabou abrindo uma grande loja de ferragens — na Saddler Street, perto da cathedral. Tinha então se estabelecido de fato: não era um “lojista” apenas, mas sim um “proprietário”, cujo nome se tornou proverbial na cidade: *Vou dar uma passada no Querry*.

Nunca, no entanto, fez mais do que isso. Foi ao ver as tentativas frustradas do pai para expandir o negócio, querendo e não conseguindo comprar uma segunda loja, que Alan teve a ideia de entrar no ramo imobiliário — primeiro em Durham, depois em Newcastle, York e Manchester. Filho único, gostou de ganhar bastante dinheiro, por esforço próprio, para comprar para os pais um Volvo zero-quilômetro — o único carro novo que já tiveram — e pagar as contas de hospital do pai, quando o fim chegou.

Agora ele estava pagando as contas da mãe, com as quais não tinha mais como arcar, e ninguém acreditaria nele, sobretudo Vanessa e Helen, se lhes dissesse isso; seria incompreensível para os outros. Como poderia o Grupo Imobiliário

Querry — com prédios por todo o norte da Inglaterra, até mesmo um novo e reluzente escritório em Manchester (mas era apenas uma sala!), e um *site* caro criado por uma firma americana de Salt Lake City —, aquele império, não continuar pagando sem parar?

Andando, Alan atravessou a pista de cascalho e abriu a pesada porta de entrada. Otter pulou da cesta, contorcendo-se de prazer. Como ele não tinha visto o carro dela na frente, Candace devia ter saído. Não havia ninguém na cozinha nem na ricamente abafada sala de estar. Um brilho intenso faiscava nas portas de vidro do jardim; a tarde curta de fevereiro declinava. Tudo estava muito tranquilo. Depois da partida de Cathy e da ida das filhas para a universidade, havia muitos anos que a casa parecia imersa numa desesperada quietude; o tapete grosso sustentava o fantasma dos passos das moradoras de antes. Ele até tinha pensado em vender a bela e antiga propriedade. Mas Candace mudou tudo. As filhas, sobretudo Helen, não gostavam muito dela. Entre outras coisas, achavam estridente demais seu anticomunismo em prol do livre mercado. Bem, *ele* também não simpatizava tanto assim com as posições políticas de Candace; sempre tinha sido refletidamente trabalhista, como, aliás, todos de Durham, até mesmo os bem-sucedidos que “foram para fora”. Mas o que as filhas sentiam talvez fosse ciúme, já que ficaram mais velhas, grisalhas e flácidas — já que *minguamurcharam* (palavra que Vanessa inventou ao unir “minguar” e “murchar”) —, do cabelo ainda preto dela, brilhante e liso, dos quadris firmes, da vitalidade espantosa. Na única vez em que ele realmente tentou juntar as filhas e Candace, houve uma discussão para decidir se a senhora Thatcher fora “um claro benefício” para o país (a enérgica conclusão de Candace) ou “um pavoroso desastre” (a de Helen). Mais tarde, Vanessa disse que achara Candace “impositiva”; ele agora se lembrou de que Van tinha emburrado feito criança e se recolhido no quarto.

Fosse o que fosse que Vanessa e Helen sentissem sobre a situação, ele estava certo de que havia sido salvo por Candace. Ela era dez anos mais nova do que ele, tinha muita força e otimismo. Salvava-o da solidão, do excesso de trabalho e do celibato mofento de viúvo; salvava-o da velhice e até de morrer.

— Candace... Candace, meu amor?

Sentada de pernas cruzadas numa compacta almofada redonda, ela estava na salinha de televisão nos fundos da casa. Por mais de uma década, Candace tinha sido assessora de diretoria em Hong Kong, mas disse a Alan que nunca gostara muito daquilo. Havia um ano decidira preparar-se para tornar-se terapeuta budista. Punha ênfase na meditação, é claro, e um pouco também na jardinagem. A pessoa é talvez como uma planta: cresce, morre, renasce. Ela passava um bom tempo agora sobre aquela almofada fina, encapada num tecido chinês carmim, mas sempre parecia, e ele sabia ser indelicada essa sua impressão, estar basicamente *dormindo*, e não meditando. Helen disse que faltava a Candace qualquer talento óbvio para terapias. (“É como Quincy Jones tentando a monogamia.”) Alan riu de bom grado e depois foi procurar por “Quincy Jones” no Google. Não, não era verdade, pelo menos a respeito de Candace Lee.

Ela era intensa, direta, coerente: não poderia fazer mal. Alan notou que

estava sem sapatos:

— Ah, seus pés à vista!

— Você disse para ela? — Candace não gostava da mãe dele e era engraçado como não conseguia esconder isso.

— Bem, eu disse que tinha de ir aos Estados Unidos.

— Claro que não é disso que estou falando, Alan. Você não disse para ela *porque* está indo para lá? — como se lhe fosse fácil, ela levantou do chão.

— Não acho o momento certo — respondeu ele. — Vou deixar para quando eu voltar.

— Você teve medo.

— Acho que sim, um pouco.

Ela, chegando mais perto, deu um tapinha no peito dele.

— Você não pode ficar com medo, tem de estar *lá* pela Vanessa. Ela precisa de você.

— Estar lá por ela...

— Sim, tem de estar lá por ela. Não me enganei com a frase. Você é o pai dela, tem de mostrar com sua presença o sentido de tudo, por que você continua a fazer o que faz.

— Acho que continuo porque não penso muito na vida.

— Como a centopeia — Candace disse. — Quando ela descobre que tem cem pernas, deixa de ser capaz de andar. O que não chega a ser verdade. A maioria das centopeias nem sequer tem cem pernas.

— Posso usar isso quando estiver lá em Saratoga Springs?

Ela olhou para ele de modo bem rigoroso, um jeito seu do qual Alan particularmente gostava. A mãe de Candace tinha sido tão incansável em suas ambições, esteve tão decidida a sair da empobrecida aldeia provinciana na China, que os amigos de escola zombavam dela como “o sapo que sonhava em comer carne de cisne”.

— Você está levando a coisa a sério? Se não for para ser sério a respeito disso, mande a *mim* em seu lugar. A vida de Vanessa não é nenhuma peça inglesa tola.

Por um momento muito breve, Alan pensou na pobre recepção que Candace teria na chegada a Saratoga Springs.

— Claro que estou levando a sério. Mas não posso ser senão a pessoa que sou.

Ele precisava de um banho e depois de um ou dois drinques. Abriu as torneiras do banheiro principal, o maior, do qual gostava mais — o que seria destinado à mãe se ela tivesse vindo morar com eles. Ao tomar banho, Alan tinha uma rotina: logo que entrava na banheira, um projeto em si mesmo cada vez menos fácil, punha a água para escorrer, de modo que ele não ficasse imerso mais de quatro minutos e a maior parte do tempo em leve desconforto. Tinha sido instruído pelo pai nessa particular provação, que era o modo de um garoto se preparar para ser “forte”. (Se bem que os banhos do pai, além do mais, eram frios.) A “força”, no norte da Inglaterra, importava mais do que a beleza, a inteligência ou a delicadeza. Os rapazes como ele enrolavam bem no alto as mangas das camisas para que os bíceps se mostrassem como balas saídas de canhão. Pregavam crescentes de metal — “chapinhas” — nos saltos dos sapatos para poderem pisar duro, fazer barulho e arrancar da calçada fortes fagulhas militares. Ele ainda se conformava com o código bronco do pai, e uma rara exceção no banho parecia ser grande luxúria: por uns vinte minutos hoje ficaria num banho quente em que o nível da água não começasse logo a baixar para nada.

Imerso no banho, olhou para baixo: era estranho que seu pau parecesse mais escuro do que o resto do corpo, como se fosse mais velho, de certo modo, do que todo o resto dele. *Carne branca ou carne escura?* Os pelos do peito, que, quando ele era jovem, se assemelhavam ao emaranhado existente no solo de uma floresta, estavam agora ligeiramente brancos e crespos como tabaco seco. Veja só, é o declínio. E o que era muito esquisito, ou talvez nem tanto assim, pois tinha amigos que diziam o mesmo, é que, quando ele se olhava no espelho, não era um Alan Querry de 68 anos que olhava de volta, mas sim um pequeno Alan, o Alan de 10 ou o Alan de 20 anos. Era como se tudo que lhe havia acontecido entre os 10 e os 68 anos de idade tivesse se passado numa série muito limitada de cômodos; como se a infância ficasse logo ali no corredor e a adolescência naquele curioso armarinho na entrada da cozinha, tudo bem a seu alcance, e não em décadas passadas nem em casas ou ruas já muito distantes, mas totalmente *à mão ali*. Seus 68 anos — casamento, nascimentos, divórcio, falecimentos, dinheiro — não tomaram mais tempo de vida do que o que era necessário para atravessar de uma ponta a outra o corredor. Nada tinha realmente diminuído, definhado, minguado, murchado: nem o sexo, nem o potencial para ser feliz, nem a curiosidade. Fazia três meses agora que vivia cheio de preocupações financeiras. Os negócios oscilavam, estava claro que eles tinham se arriscado demais no imprudente projeto Dobson, mas nos bons dias ele ainda conservava o sentimento otimista de que conseguiria sair da enrascada, tal como alguém simplesmente sai do banho, deixando para trás a sujeira.

O pai também tinha sido otimista assim — solidamente bonachão, inteligente, imperturbável. Nunca viu o pai soltar uma lágrima, nem sequer uma vez o viu perder a calma. A mãe teve uma espécie de colapso nervoso logo depois que ele nasceu e foi tratada com terapia de eletrochoques em Newcastle. Os problemas de Van seriam talvez provenientes disso? Mas a mãe, pelo menos,

era a fonte e a salvaguarda da emoção na família. Era ela quem tinha as chaves na mão: se tivesse morrido antes do pai, as portas dos sentimentos permaneceriam fechadas. Sobre sentimentos, Alan e o pai jamais se tinham falado. Era a mãe quem sentia raiva e chorava e ria. Emoção era coisa de mulher. Mas a alegria e a ternura eram do mesmo tipo. E também as aspirações sociais: aquele falso sotaque de “classe média” da mãe.

E, agora — quando ele se espichava no banho, impregnado de vapor como uma esponja —, dentro de três dias teria de ir a Saratoga Springs, de *estar lá* por sua filha, pela pobre Vanessa.

O primeiro sinal de alerta tinha chegado um pouco antes do Natal, quando Vanessa cancelou um plano traçado bem antes de ir passar na Inglaterra o feriado. Ela não estava se sentindo bem e tinha um monte de “trabalho” a fazer pela frente. Mas Alan sabia, por longa experiência, que os padecimentos físicos de Vanessa raramente ficavam confinados no corpo e que as alegações de “trabalho” ocultavam muitas evasões e um alto grau de improdutividade. Poucas semanas depois, no começo de janeiro, chegou o terrível *e-mail* de Josh, enviado apenas para Helen, mas encaminhado por ela a Alan. Josh dizia que Vanessa tinha caído numa profunda depressão no início de dezembro. Vanessa começara a se “afastar” dele “e, como eu de fato colocaria a coisa, a se afastar da vida”. Tinha havido o que ele chamou de “um acidente”, já bem perto do Natal, quando Vanessa levara um tombo numa escada, machucando o braço. Josh se mostrava muito assustado: “Acho que ela esteve em risco de fazer mal a si mesma”. Ela havia melhorado nas últimas semanas, segundo ele, mas ela continuava bastante fraca e ele estava escrevendo por saber que Helen ia frequentemente a Nova York a trabalho. Em sua próxima passagem pela cidade, poderia Helen pensar em dar um pulo em Saratoga Springs, no norte do estado? “Você e seu pai, naturalmente, sabem muito melhor do que eu a ‘história’ dela”.

Helen respondera que, de fato, estaria em Nova York, a serviço da gravadora, no começo de fevereiro; ela poderia esticar a viagem até o norte do estado e tentaria levar Alan com ela. E Alan, talvez por Josh não ter escrito para ele, mas para Helen, talvez por ser muito polido, muito prudente, inglês demais, não lhe enviara um *e-mail* perguntando o que ele queria exatamente dizer quando sugeriu que o acidente de Vanessa havia sido intencional. “Em risco de fazer mal a si mesma.” Não, não de novo a mesma coisa: Alan pensava que aquilo pertencia ao passado, tendo ficado para trás em Oxford, quando Van ainda era estudante. Se ela tivesse tentado se fazer mal, certamente não seria *de verdade*, seria apenas um “sinal”, uma mensagem, um SOS — não era assim que as pessoas falavam a respeito de gestos desse tipo? Ao mesmo tempo, horrorizado, ele pensava que absurdo seria ela largar a vida de lado, como um problema de palavras cruzadas não resolvido... Um pai — um genitor — ajudava os filhos adultos de qualquer modo que lhe fosse possível. Ele conhecera a infelicidade, parte da qual bem grave; mas não achava que nem ao menos uma vez tivesse realmente conhecido o desespero. O desespero, que provinha do espírito, era terminal. O desespero era a cegueira para cores que afligia os incapazes de avistar esperança. Por que Helen achava a felicidade fácil, enquanto a irmã a

considerava tão difícil? As meninas sempre foram bem diferentes. Talvez a “história” de Van percorresse todo o caminho de volta até o nascimento. E o que Alan então era capaz de fazer? O tormento tinha sido sempre este: o pouco que ele podia fazer. Não podia levar Vanessa a ver a vida através de seus olhos: onde ele avistava um passarinho branco, ela via um preto. Mas é claro que ele iria até lá, *é claro*: compraria imediatamente uma passagem de avião e viajaria com Helen. Seria o encontro atrasado de Natal com Van.

Vanessa e Helen, Helen e Vanessa... Vanessa, com dois anos a mais, era a mais velha, tendo nascido logo depois das dez horas na noite de 30 de julho de 1966, dia em que a Inglaterra ganhou da Alemanha Ocidental na Copa do Mundo. A primeira e única vez! Não havia como esquecer aquele dia: as horas exultantes; a televisão em preto e branco a exibir imagens instáveis e inverossímeis; Cathy a andar retesada pela sala de estar, comprimindo as costas com as mãos e soltando gemidos — que, na memória dele, se misturavam agora aos berros no estádio de Wembley —, e logo em seguida lá *estava* Vanessa, molhada e amarelinha, envolvida em cueiros e amada além da conta por ela ser a primeira. Menina sortuda. “Tudo do melhor para ela.” Porém, à medida que crescia, ela se tornou acanhada, silenciosamente distante e difícil de abraçar. Não queria ou não conseguia *encaixar-se*: ou era muito alta ou baixa demais, como Alice no País das Maravilhas. Foi o divórcio que mudou tudo. Depois que Cathy saiu de casa, Vanessa *se retraiu*. As meninas lidaram com a catástrofe de diferentes maneiras. Sempre impetuosa, Helen ficou ao lado do pai e acusou a mãe, que afinal tinha deixado Alan por Outro Homem, de ser “obcecada por sexo”. (A pobrezinha tinha apenas 13 anos.) Outra foi a reação de Vanessa, que não tomou partido, apenas se manteve calada; ela parecia ter absorvido todas as consequências do fato e sumiu de vista. Estava sempre no andar de cima, naquele quarto abominável, onde se espichava na cama lendo de tudo, a sério, aos montes: romances, poesia, filosofia, feminismo e até ecologia. Da maioria dos autores ele nunca tinha ouvido falar; às vezes, chegava mesmo a pensar que ela escolhia os mais obscuros que pudesse apenas para implicar com ele.

Em tempos mais felizes, Alan e Cathy gostavam de observar as diferenças entre as filhas. De noite, à falta de outros assuntos, os dois falavam sobre “as meninas”, com aquele tipo de entusiasmo fanático — monótono, mas nem por isso jamais entediante! — que os revolucionários deviam esbanjar nos planos para o futuro. Helen era exuberante, sexuada, brincalhona, desobediente. Vanessa era meiga, tímida, estudiosa e reservada, custando muito a se irritar. Por algum tempo, tais diferenças pareciam provisórias, parte dos complicados avanços do crescimento; tudo ainda em potencial. Mas, por fim, como Alan veio a descobrir, os pés da criança param de crescer, as calças deixam de precisar de novas bainhas, a escrita toma a forma que há de ter pelo resto da vida, os lençóis trazem as manchas ocasionais e inequívocas da nova adolescência — e, como que de súbito, enquanto você nem dava grande atenção à coisa (ou era assim que ele a via hoje), enquanto você se envolvia demais nas próprias crises tolas, a filha se tornava adulta e aquelas características que antes pareciam maleáveis tinham agora se endurecido e fixado. Ambas eram cheias de força de vontade. Mas, se a obstinação de Helen parecia trazer prazer para ela, a de Vanessa só trazia infortúnios. Ela dava a ideia de ter forte tendência para *boicotar as próprias oportunidades*. Essa era a frase que ele vivia se repetindo naqueles dias. Por que aquela vontade de *boicotar as próprias oportunidades*? Por que Van não convidava para casa nenhum colega de escola? Será que ela não tinha amigos? Disse que queria participar do grupo de debates da escola, mas isso nunca aconteceu. Com a orquestra e com a peça a ser montada na

escola foi a mesma coisa. Todos os passatempos dela eram solitários: ler, ouvir música, tocar flauta ou piano, escrever poemas. (Poemas geralmente cheios de lamentações e desespero: um deles, bastante assustador, parecia ser sobre uma paixão não correspondida por um garoto e terminava com um verso, que ele nunca esqueceu, sobre um desejo de “jogar-se do alto da muralha sobre a dureza das pedras”. Muito se alarmaram os pais com esses poemas quando os descobriram num caderno escondido embaixo do colchão de Vanessa.) Tempos depois, já ela estudante em Oxford, Vanessa resolveu doar absolutamente tudo que possuía; um amigo ficou tão preocupado com essa instabilidade que a comunicou ao serviço médico da universidade, o qual entrou em contato com Alan e Cathy. Helen, confiante no poder de seu charme, sempre foi muito desembaraçada para falar com adultos. Vanessa se retraía, num gesto que parecia combinar — o pior de todos os mundos — julgamento e medo. Helen era naturalmente alegre; em Van era preciso incutir essa categoria da experiência humana. E assim é que um belo dia você nota que as diferenças entre os filhos são não apenas temperamentais e biológicas como também morais e políticas, que cada um tem uma visão de mundo muito distinta. Um belo dia, ele lembrava muito bem, você surpreende sua filha mais velha, então com 17 anos, fazendo uma preleção para a mais nova sobre o sofrimento da vida e a crueldade humana, de toda a vida, enquanto sacudia um livro que o pai nem sabia que ela tinha, *Uma história da tortura*, de George Riley Scott, e exclamava: “Leia isto, Helen, leia isto e você não terá mais dúvidas!”.

Terá sido assim? A infância dela uma tortura?

Helen e Vanessa, Vanessa e Helen... Vanessa fez o doutorado em Princeton — “porque em Oxford eu sufoco e em Princeton eles me pagam para estudar e querem mesmo que eu vá para lá” — e tinha ficado sete anos ensinando filosofia no Skidmore College. Havia agora uma leve sugestão, como uma brisa que traz cheiro de algo podre, de carreira estagnada. De promessa não cumprida. Houve alguns trabalhos: um deles, que Alan entendeu ser sobre como combinar filosofia francesa e filosofia analítica inglesa para criar um ótimo e novo produto — assim como combinaram uvas francesas e solo inglês para fazer aquele vinho duvidoso que agora estavam produzindo em Kent? — teve uma repercussão razoável e passou pelo circuito das conferências. Mas agora ela estava com 40 anos e não havia um “grande livro”, não havia progressos. O mesmo perfil acadêmico e a mesma foto atroz continuavam por todos esses anos no *site* do departamento — *esses acadêmicos*, pensava Alan —, com o lindo cabelo preto de Vanessa todo puxado para trás, num coque muito erudito, e o rosto tão inteligente obscurecido pelos óculos enormes e horrorosos. Em sua bibliografia fixa, a eterna promessa pendente de *Quatro ensaios sobre a personalidade* [em breve]. Alan não conseguia imaginá-la em Saratoga Springs, no interior de Nova York. Ela disse para ele que o Skidmore College era uma das melhores faculdades particulares dos Estados Unidos e também alguma coisa sobre a própria cidade, sobre a história como local de veraneio, como um *spa* do século XIX com águas medicinais: a Baden Baden, a Vichy do norte do estado de Nova York, que era cheia de parques e de grandes hotéis. Lá ainda havia corridas de cavalos e muita gente jogando, como havia ruas largas e lindas. Cinco anos antes, quando ele estava lendo *Os diamantes são eternos* — releu de uma só enfiada todos os livros de Ian Fleming —, ficou contente ao ver que James Bond e Felix Leiter tinham estado na famosa corrida de cavalos daquela mesma Saratoga Springs.

Ele, porém, não a visitava. Ela é que o via, imaginando ele que ela vinha a Northumberland, todos os verões, por estar aflita para escapar da América ou do estado de Nova York. Em Northumberland, no verão, os carneiros, com os balidos renitentes, pareciam dar risadas, esfregando-se nas pedras secas das muralhas para limpar a lã, e as antigas estradas retas romanas brilhavam na luz suave e envolvente, não havendo, de fato, um lugar tão bom neste mundo para estar sobre a terra. No último verão, ela tinha passado em casa todo o mês de agosto — o que ele adorou. Deixou-a sozinha uns dias, para ir a Londres, e na volta a encontrou *sempre lá* — às vezes, no antigo quarto, lendo um livro atravessada na cama, a seu modo costumeiro; às vezes, na sala de estar ou no gramado, fumando numa cadeira de armar, sempre com um livro e uma caneta na mão, naquela calça *bag* tão gozada. Ao contrário de Helen, Vanessa parecia precisar de muito pouco. Queria ficar em casa, passar bastante tempo sozinha e ser capaz de trabalhar. Quase mais nada que isso. Pela porta dos fundos, ele podia vê-la na cadeira de armar, caderninho aberto, caneta em punho, com o maço de cigarros, a xícara de café e o isqueiro acomodados na grama; tinha engordado um pouco no último ano e, talvez, fosse para disfarçar a evidência que ela usasse a calça folgada. Afundada na cadeirinha, com a língua meio de

fora, equilibrava o caderninho nos joelhos e com a mão direita enrolava sem parar o cabelo, como se puxasse ideias do cérebro. Se Candy parecia dormir quando meditava, Vanessa quase parecia posar como pensadora. Raramente escrevia alguma coisa: é fascinante a relação do pensamento com a frequência da escrita. Era como um trompetista que, tocando uma sinfonia de Haydn, só pegasse no instrumento mais ou menos de cem em cem compassos. Aforismos, talvez? Fragmentos filosóficos? Seria até meio gozado se ela estivesse apenas escrevendo gracejos, ou uma carta, ou fazendo rabiscos sem finalidade. E ele, mesmo sabendo que não devia fazer isso, saía para ir até lá e a perturbava, oferecia-lhe mais café, perguntava se ela precisava de alguma coisa de Corbridge ou então lhe contava uma de suas piadas para se contrapor às do caderninho.

Em Saratoga Springs, teria ela realmente tentado se fazer algum mal? Largar a vida de lado — ele insistia em retornar a essa imagem — como um problema de palavras cruzadas ainda pelo meio? É claro, pensou Alan, que Josh tinha sido deliberadamente vago com Helen quando descreveu o tombo na escada, porque decerto ele queria dosar o alarme — que fosse muito, para fazê-los viajar até lá, mas não excessivo, para não insistirem em levar Vanessa para casa com eles. Josh então devia amá-la: era possessivo do modo certo, vigilante do modo certo — e obviamente bom. Alan achou que o *e-mail* dava uma imagem positiva do rapaz.

Depois que Vanessa fugiu do internato, Alan e Cathy decidiram que ela tinha de “ter alguém” que tratasse da depressão e da ansiedade. Encontraram uma terapeuta de crianças em Newcastle que mantinha algum vínculo com o hospital-escola local. Ele lembrava que encontrá-la não tinha sido fácil. *Ninguém* fazia terapia em Newcastle em 1982! E Vanessa não queria ir, teve de ser quase arrastada para o consultório sinistro na Percy Street. Pior, muito pior, foi que a terapeuta — cujo sobrenome era Lennon, como o de John — tinha insistido que queria conhecer toda a família logo na primeira sessão. Todos eles, até Helen. Alan e Cathy já estavam separados havia oito meses e tinham parado de se comunicar, a não ser para falar de assuntos relacionados às meninas. Sentado lá, Alan se enfureceu quando a doutora Lennon disse a eles que ela usaria um gravador, pois achava útil ouvi-los conversando para detectar, depois da sessão, suas hesitações, e evasões, e fraquezas, e mentiras gravadas. Claro está que não falou com tanta clareza, mas o alvo era este: *chercher*¹ os pais, descobrir qual era o erro deles e atribuir-lhes a culpa. E eles *eram* culpados mesmo, sem dúvida alguma. A pobre e desolada Vanessa chorava sem parar, enquanto as rodinhas denteadas do gravador Memorex giravam, rangendo, e Alan e Cathy tentavam explicar como as coisas tinham sido difíceis para as duas meninas. (No entanto, Helen não chorou, não foi?) Em seguida, a doutora Lennon fez quatro sessões só com Vanessa e, depois de tudo acabado, chamou os pais desprezíveis e explicou que naturalmente não poderia revelar nenhum detalhe do que a menina lhe dissera — ora, e o que *teria* Vanessa dito? —, mas que podia, sim, concretamente informá-los de que em sua opinião a filha mais velha deles estava extremamente ansiosa e “gravemente deprimida”. A terapeuta recomendou que Vanessa escrevesse de

forma criativa sobre sua tristeza e seus temores, mas Alan não mencionou que ela já vinha fazendo isso...

Van melhorou. Mais contente, mais ocupada com o trabalho acadêmico, por ação da séria filosofia, foi puxada *para fora*. Os últimos dois anos de colégio e o primeiro em Oxford foram relativamente tranquilos. (Tudo, no caso de Van, era relativo.) Mais tarde, no entanto, ela sofreu outro ataque — no último ano em Oxford —, quando quis doar para os amigos todos os seus bens e teve de ser levada para casa por Helen. Naquela época, falava de ser perseguida, como ela mesma dizia, por seus “demônios”. Teria querido se fazer mal em Oxford? Teria ela pensado... em suicídio? Mal ele podia pensar nessa palavra, quanto mais pronunciá-la. Tinha de desviar os olhos dela, como os desviava do sol. E talvez fosse verdade, pensava agora, que por evitar olhar *a tal* palavra ele também tenha deixado de olhar para outra, *depressão*. Assim, deixando de ver, Alan concluiu, quando Vanessa já estava por volta dos 25 anos, que a maioria de seus problemas não eram realmente crônicos, mas em grande parte relacionados à sua solidão. Nunca ela deu a entender que tinha um namorado. Passava o dia inteiro lendo (livros difíceis, pelo modo como ele os via, e metodicamente inúteis). Não praticava exercícios, nunca saía para uma caminhada ou uma volta de bicicleta. Mamãe estava enganada quando disse que Josh era “o escolhido”, que Alan culparia esse rapaz por levar a filha para longe. Nada disso: era um alívio para ele dar as boas-vindas a Josh. Recebeu a notícia sobre um namorado como outro pai receberia informações sobre um novo emprego ou a primeira casa de um filho. E, na verdade, Vanessa *tinha* estado muito mais feliz nos últimos meses, desde que ela e Josh começaram a sair em junho; vivia cheia de novos projetos e decisões, como ele pôde constatar durante o verão, quando a surpreendia concentrada, sentada na cadeira de armar, a enfrentar com ar contente suas indagações filosóficas. Ele se esforçava para manter na lembrança essa Vanessa das férias de verão, e não a garota que aos 15 anos desapareceu por dois dias; e não a que aos 22 se recusou a sair da cama por um período que parecia ter sido de um mês inteiro; e não a que quase chegou a abandonar o doutorado, quatro anos depois, e andou pensando seriamente em abrir um restaurante orgânico em Corbridge; nem essa que agora estava a ponto de recusar a oferta de um cargo de professora-assistente em Skidmore e voltar desempregada para a Inglaterra, “por que de que adianta ensinar filosofia?”.

Hoje, para ele, a lembrança mais forte de Vanessa foi a dos passeios feitos com ela, então com 5 ou 6 anos, em volta da igreja medieval da aldeia, aquela que tinha na torre uma bandeira vermelha e branca de São Jorge. Soprado pelo vento, o pano batia e tentava se soltar do mastro de metal como um jovem soldado impaciente para entrar na batalha. Naquele dia, a bandeira estava a meio pau, e a pequena Vanessa, a feliz Vanessa, perguntou-lhe a razão daquilo. Tinha morrido uma pessoa importante, ele explicou. Até anos depois, sempre que eles passavam pela igreja e a bandeira já estava outra vez no alto do mastro, Vanessa olhava para cima e, toda contente, anunciava: “Hoje não morreu ninguém”.

Do francês: investigar.

Helen deixou tudo organizado. Esperta como era, bem-humorada e sempre muito despachada, enviou para ele por *e-mail* um itinerário de arrepiar. Ela já estava em Manhattan, onde permaneceria alguns dias, por causa da gravadora. (Ele imaginou uma suíte de hotel monumental, abarrotada de mimos.) O pai viajaria de Londres para Nova York pela British Airways, passaria a noite num hotel do qual nunca tinha ouvido falar, na Park Avenue, o mesmo onde Helen tinha se hospedado, e na manhã seguinte eles pegariam o trem das 8h15, na Penn Station, para Saratoga Springs. Helen só poderia ficar com ele três dias — tinha de voltar para Londres para cuidar do pequeno Jack, do pequeno Oliver e do grande Tom, que, embora com 37 anos, ainda era infantil e autocentrado como os gêmeos de 3 anos. Alan permaneceria por seis dias. Ela lembrou que ele levasse o *laptop*, a melatonina que ela havia lhe dado meses antes, as pílulas para dormir e um par de óculos escuros (“contra as surpresas e os rigores da estação, coisa que você vai entender quando notar como o sol americano brilha na neve”). Ele pôs na bagagem um troço que andava lendo sobre a teoria do *big bang* e os dois novos livros dados por Candace: um sobre zen-budismo, cujo autor era um xará dele, e um manual de psiquiatria chinês para interpretação de sonhos. O problema com o livro chinês, bem popular, é que na maior parte dos sonhos analisados apareciam dragões, pombas, porcos, mas não Cathy, digamos, nem mulheres atraentes e estranhamente sem rosto. (Se bem que a página 23 lhe informasse algo que podia ser útil: um sonho no qual surgissem portas significava que os filhos não seriam “bem-sucedidos”.)

Ele voou de Newcastle para Heathrow e lanchou no caviar-bar do Terminal 4, luxo que podia se permitir. O aeroporto de Londres parecia um hospital de alto nível, com pacientes se arrastando pelos corredores brilhantes, a empurrar aparelhos médicos para cima e para baixo, a um só tempo fatalistas e expectantes. Para necessidades pré-voo, enfiavam-se em lojas Gucci e Prada. O salmão defumado que ele tinha pedido estava ótimo. Eles sabiam como fazer as coisas em Londres, embora espremessem uma bisnagona de plástico para pôr mostarda no prato. Tinha 36 anos quando comeu salmão defumado pela primeira vez e, assim, agora não sentia a menor culpa, pois estava recuperando o tempo perdido. A seu lado, malgrado o espanto que causasse, um homem parecia estar despedindo um empregado mais jovem — a um modo simpático, gentil, aquecido pelo vinho de Sancerre e com pausas que lhe permitiam transferir do prato para a enorme boca as finas lâminas de carne rosa e salgada. Alan chegou mais para perto do vizinho, como em geral fazia em tais situações. As pessoas pareciam gostar, hoje em dia, de ser escutadas, falavam mesmo até mais alto quando percebiam que havia alguém atento à conversa.

Alan sentia-se tão animado com esse encontro com as filhas em um novo país que tinha até de lembrar, de vez em quando, que não havia ninguém exatamente a passeio. A morte o transformara num típico inglês insulado: poucas vezes ele saiu do país durante os doze anos passados desde a morte de Cathy. Culpava-se por ter estado em viagem quando finalmente ela sucumbiu ao câncer que levara tanto tempo em ação com um estrago contínuo. Estava em Lisboa, curtindo o calor e a amenidade da luz, quando Helen telefonou com a

notícia... Os Estados Unidos, fossem lá como fossem, não eram bem o país que ele escolheria para um período de férias com a família. Nunca os Estados Unidos o atraíram muito. Foi com espanto que viu as filhas indo para lá, a passeio ou a trabalho. Vinha-lhe, às vezes, a impressão de que nos últimos trinta anos da vida a ilhota na qual ele tinha nascido, a nação que ao longo de séculos tinha construído uma história e uma literatura próprias, um cabedal prodigioso de inovações científicas e industriais, para não mencionar a agitada vida política, passivamente tinha deixado que os americanos entrassem para entupir as prateleiras, reestocando-as, com suas mercadorias. Ninguém negava que as eleições presidenciais americanas, a música americana, o dinheiro americano, o cinema americano, a tecnologia americana e — Deus nos livre! — a comida americana constituíam a nova realidade. (Sim, era como se as ilhas britânicas tivessem se virado no mar, como o barquinho de uma criança no banho, pouco a pouco e em definitivo, para se distanciar da Europa e aproximar-se da América.) Ele tinha lembranças muito boas da única viagem aos Estados Unidos, 21 anos antes, a trabalho. Três dias na louca Nova York e depois mais um “relaxando” em algum lugar caro e sem graça fora da cidade, onde os únicos ruídos, entre as nove e as seis horas, eram o do espanhol dos trabalhadores e o das castanhas que caíam aos poucos nas ruas vazias e absurdamente largas. Todo mundo parecia estar sempre a desejar-lhe que ele tivesse um “bom dia”. (*Na verdade, tenho outros planos.*) Ele realmente adorava — e considerava uma das grandes contribuições americanas — a frase “Tenha calma!”. Já a tinha ouvido de um motorista de táxi, de um atendente numa loja e até de uma comissária de bordo. Calma! Tal bênção benigna não poderia pegar na Grã-Bretanha, onde as calçadas viviam encharcadas de água fria da chuva e todos pareciam ter andado em fila na escola para aprender como o fazer com o grau obrigatório de submissão resignada.

Era forçado a admitir que os Estados Unidos, para ele, nunca tinham *existido* de todo. Sabia, por ter lido em algum lugar, que os americanos usavam, *per capita*, três vezes mais papel higiênico do que a média global, e isso já lhe dizia o que precisava saber. Era um país colossal, religioso, altamente reacionário, sem nenhuma verdadeira tradição de socialismo e com parques de estacionamento maiores do que muitas aldeias europeias. Como era contagioso, tremendamente contagioso, o americanismo! Primeiro a cristandade renascida de George Bush e sua pavorosa cruzada contra o Iraque, depois a religiosidade ao estilo americano de Tony Blair. Pelo que parece, nunca ninguém tomou conhecimento nos Estados Unidos daquele dito de Samuel Johnson — nele martelado pelo professor de história na escola (Watson, o Grude) — de que o patriotismo é o último refúgio de um canalha.

A neve tinha coberto a cidade dois dias antes. Fazia um frio chocante — total e absolutamente incomum. Trêmulo, no aeroporto JFK, ele se encaminhou para pegar um táxi. Será que Helen viria da cidade para apanhá-lo no terminal? Não, era pouco provável... mas por um instante ele tinha fantasiado a hipótese, ao sair da alfândega.

Tudo se punha hirto com o frio, e a rigidez fossilizada do gelo o impressionava: carros e ônibus cobertos de sal branco, como que extraídos de uma pedreira de mármore, ruas entupidas de neve, de sal, de lixo, tudo incerto e esbranquiçado. A fumaça dos escapes, ao escorrer pelo ar polar, pendia em flocos leitosos. Pessoas, porém, vociferavam como se estivessem num calor tropical abrasador. Um negro alto, que parecia da polícia, com uma espécie de acolchoado laranja que lhe descia pelo corpo até os pés, berrava para os motoristas de táxi, que berravam para ele de volta, enquanto os próprios usuários gritavam uns com os outros, logo que alguns espertos tentavam furar a fila. O homem negro apontou então para ele, gritando “Quarto carro, quarto carro!”, e com uma rapidez desajeitada Alan se aboletou num grande Ford amarelo que arrancou em seguida; nada era assim tão diferente do que ele ali tinha vivido 21 anos antes. O avanço do táxi, como que a se lançar em batalha, o gasto perdulário do grande motor V8 automático, aquela invenção sadista de uma divisória entre os bancos, que tornava o passageiro de trás um gigante numa banheira de plástico, as pistas sempre com problemas e pontes incrivelmente malcuidadas pelas quais passavam carros alemães de último tipo, subitamente futuristas e anômalos. Esses novos modelos europeus, ótimas baratinhas de metal, sobreviveriam ao apocalipse americano.

A impressão de ter caído bem no meio de uma guerra civil, com Manhattan como seus restos destroçados.

Estava a uma imensa distância da tranquila casa de pedra de Northumberland; contudo, ali não lhe faltavam estímulos. Com mais uns solavancos, depois de um túnel comprido e fedorento, chegaram ao centro da cidade, que era um misto de céu e inferno, posto que infernal e sobrecarregado de luzes. A marcha forçada dos arranha-céus, que se perfilavam em grupos. Na Park Avenue, ao sul da Grand Central Station, a opção pela verticalidade dava lugar a uma organização menos rígida: entre prédios mais baixos, blocos de apartamentos e até mesmo uma igreja ou duas, sentiu que podia respirar. De fato, era em frente de uma igreja, talvez ortodoxa, que ficava o hotel. Olhando para a Park Avenue, ao saltar do táxi, achou que a velha e imponente torre da Pan Am, rebatizada agora com outro nome, era como uma barragem a impedir que a louca maré de Midtown escoasse para o sul.

O hotel, caro à beça, tinha um *lobby* pequeno, dourado, confortável. Helen sabia se cuidar — ou melhor, a gravadora cuidava bem de seus executivos. Ele, indo para o quarto — o que, aliás, não foi tão fácil, porque o corredor afundava numa penumbra planejada e provavelmente *perfumada* pelo decorador do ambiente —, sentou direto na cama. Pediu que o pusessem em contato com Helen Querry. “Pois não, senhor, quarto 432” — ocupado. Claro. Dez minutos: tempo para uma cagada e um uísque do frigobar. Nessa ordem. “Quarto 432,

por favor.” Continua ocupado. Ele teria então de voltar a enfrentar a escuridão, caminhando para ir encontrá-la. Ela sabia a hora de chegada dele. No quarto andar, depois de tatear pelas plaquinhas com os números dos quartos, que brilhavam como vaga-lumes, ele afinal bateu na porta — por que diabos estava um pouco nervoso?

Helen abriu, mandou-lhe um beijo, apontou para o telefone fora do gancho e tornou a pegá-lo. Mantinha-o numa das mãos, em pé, enquanto examinava o BlackBerry na outra, e revirava os olhos para o pai, como que perdoando a si mesma pelo pecado do trabalho. Ali então estava ela e, caramba, como estava bem! “Pelo amor de Deus, manda ele acionar logo os ‘contatos fabulosos’ que tem na mídia! O lançamento é no mês que vem, precisamos de toda a ajuda possível. Sim, é, ele tem um monte... Sim. Tá legal. Tchau!”

Ao pai, nem o “tchau” nem o “tá legal” agradaram muito.

— Oi, pai, você *chegou*...

— Cheguei como você, do mesmo modo, né? — a última palavrinha, que lhe escapou, saiu menos caprichada do que teria gostado. O modo de falar de Helen não se associava a um lugar, embora se associasse a uma classe: a classe média alta, de fato, nem tão alta assim, do sul, de colégio interno. (O que ele definiria como *sofisticação de bistrô de vinhos*, se isso fizesse algum sentido.) Inegavelmente a melhor coisa dada por ele às filhas foi o direito de nunca ter de pensar em classe social. Ela agora estava olhando para ele. Estudava-o de modo afetuoso, mas penetrante. Era como se ele estivesse de novo, na casa de repouso para idosos, diante da própria mãe. A filha, um padrão de eficiência, enquanto fazia isso também lia alguma coisa no BlackBerry.

— Sua camisa é nova?

— Você falou comigo ou com a tela? — ele sorriu.

— Desculpe.

— Sim, é nova. Por quê, você não gosta?

— Gosto sim.

Ele mesmo, na verdade, não tinha tanta certeza de gostar da camisa. Sentia necessidade de se impor, de dominar a situação, mas não sabia por que pensava assim.

— Que bom! E, então, vamos jantar em algum lugar ou o quê?

— Reservei um restaurante a duas quadras daqui. Mas deixe eu fechar primeiro estas coisas — com ligeireza e elegância, ela passou um dedo pelo aparelhinho que ainda tinha na mão, enfiou-o na bela bolsa cor de mostarda e atravessou o quarto, muito maior do que o dele, como agora ele pôde ver com atenção, para chegar à mesa onde estava o *laptop*. Deu a impressão, ao se curvar diante dele, de estar na frente de um espelho em que ela se aprontava. E ainda digitou mais qualquer coisa, pois arrancá-la da tela não era mesmo nada fácil.

Eles desceram para os mármore e bronzes do *lobby*, onde o porteiro os ajudou a sair no frio de rachar que fazia. Nova York recebeu-os como outra dimensão. Havia algo quase cômico em relação à troca de contrários: agora, a barulheira e o frio; antes, o calor e o mutismo. Um caminhão de bombeiros passou em disparada pela Park Avenue, chacoalhando correntes como um fantasma irado, e não havia como falar nem pensar enquanto a sirene

penetrava no ar gelado ao redor. Helen pegou o pai pelo braço, com a animação costumeira e cálida. Enfim, ele relaxou um pouco, talvez pela primeira vez desde o *e-mail* de Josh.

— Seu trabalho vai bem? — perguntou o pai. Ela balançou a cabeça, fosse para indicar “não muito”, fosse mais provavelmente para dar a entender que o diálogo poderia esperar até eles chegarem ao restaurante. Assumir responsabilidades era bem simples para ela, que cinco ou seis vezes por ano viajava a Nova York. Vanessa morava nos Estados Unidos, mas de certo modo Helen parecia sentir-se muito mais à vontade com os americanos, com os quais fazia negócios. Costumava ir ouvir novas bandas e em duas ocasiões esteve em Saratoga Springs para assistir à Dave Matthews Band, um grupo que tinha feito para ela, ou melhor, para a Sony, um bom dinheiro. No prédio da Sony, na Sixth Avenue, Helen corria de cima para baixo. Ao passear pela cidade vendo coisas, ia a bordo de um luxuoso Lincoln Town Car, e passava os fins de semana na “lendária” casa de um produtor musical em Amagansett, onde havia duas piscinas, uma garagem para meia dúzia de carros e um subsolo que abrigava a maior coleção de vitrolas automáticas da década de 1960 na Costa Leste. O pai já tinha ouvido falar dessas histórias; certa vez, conheceu até mesmo Dave Matthews, um tipo bem-educado cujo sotaque residual de Johannesburgo ainda dava para perceber. As realizações da filha lhe inspiravam grande respeito. Ele nunca poderia fazer o trabalho dela, que acarretava altas doses de sociabilidade e muita lambeção de saco, com disposição para participar de bebedeiras e festas. E o que mais? Ah, sim, é claro, a jogatina. O ramo imobiliário era seguro, estável e até bastante sem graça, se comparado às apostas feitas numa banda de *rock* ou num cantor solo. As construções que não correspondiam às expectativas comerciais *permaneciam de pé*; era possível lhes dar algum destino, vendê-las perdendo um pouco, alugá-las até que o mercado se reaquescesse ou usá-las paralelamente (e ainda que por baixo do pano) para obter novos empréstimos. Elas pertenciam a ele, que as tinha *feito*, tão certamente quanto os homens que puseram um tijolo em cima do outro e entre eles espalharam a massa — a cola, o grude, o barro, a bosta. Helen, a subir e descer no elevador de vidro da grande torre hipotecada, não era dona das bandas que inegavelmente ajudou a lançar. Devia haver uns trinta “artistas” cujos discos chegaram a sair, com um empurrão da Sony ou de algum de seus selos subsidiários, mas que depois, com o tempo, se esgotaram. Críticas simpáticas, vendas modestas — mas nenhuma renovação de contrato. Uma delas, Verity McQueen, cuja música ele ouviu enquanto dirigia pela estrada A68 para visitar a mãe, agora era professora de canto numa escola particular para meninas em Londres. Suas alunas nada sabiam, segundo Helen, do brilhante primeiro álbum ou da abortada carreira como compositora e cantora da professora. Tudo isso se dera há muito tempo, e o passado, para as crianças de hoje, como Vanessa lamentava a propósito dos alunos em Skidmore, nada mais era do que a árvore que caiu na floresta quando você não estava lá.

O restaurante era barulhento e agitado. E o garçom, além de não ser gentil, era ofensivamente feio. Não por culpa dele, é claro. Mas, de certa forma, a feiura parecia uma arma de sua própria grossura. O caprichoso penteado que emoldurava seu rosto — topiaria facial, em suma — fazia Helen pensar nas pinturas de rosto pavorosas que eram comuns nas festas dos filhos: juba de leão e bigodes de tigre mal traçados e difíceis de limpar, fossem quais fossem as alegações feitas pelos adolescentes envolvidos na tarefa, muito bonzinhos e incrivelmente pacientes. O serviço juvenil, simples demais, e a barulheira do local a irritavam (surpreendentemente, a música ambiente era da banda Toto). Roger, seu jovem assistente em Londres, sempre impecavelmente vestido, tinha pesquisado bastante: o lugar era novo, ficava muito perto do hotel e recebera boas críticas pela comida franco-americana-cambojana, saiba-se lá o que era aquilo. Melhor seria se tivessem ido jantar no próprio restaurante do hotel, escuro feito uma gruta. Aquele ali era exatamente o tipo de lugar que o pai detestava — basicamente uma academia barulhenta que servia comida, cheia de gente musculosa, jovem e numa puta boa forma.

A cabeça grisalha de Alan brilhava à parte, como que sob um foco de luz. Ele parecia estar exausto, pensou ela, mas talvez isso fosse apenas uma consequência do voo e dos aeroportos. O paletó tinha as mangas muito compridas. Seria bom se eu pudesse visitá-lo com mais frequência, desde que para isso não tivesse de ir para Northumberland. Para Candyland.

Entretanto, ele sorria para ela, como se quisesse dizer: sei o que você está pensando, não é preciso se desculpar pelo restaurante, essas coisas acontecem, afinal de contas estamos em Nova York...

— Estamos em Nova York!

— Pois é, pai, e de um modo meio aflitivo, o que lamento. Nada do que eu disser você vai conseguir ouvir.

— Pode ser que você tenha estragado o ouvido em todos aqueles shows, mas *minha* audição está perfeita — e ele falou com os lábios, que se mexiam em silêncio. — ESTOU GRITANDO PARA VOCÊ, MAS NEM ASSIM VOCÊ ME ESCUTA!

— Ha! Ha! Muito engraçado, pai.

— NÃO É ISSO, EU REALMENTE ESTOU GRITANDO PARA VOCÊ — ele continuou.

Era uma tradição na família que as gracinhas de Alan se prolongassem demais — como um alarme de despertador, ela agora pensou, que a gente não consegue desligar de manhã.

— Falando sério — (o botão soneca foi, afinal, achado) —, até gosto do barulho, não me importo de perder aqui e ali qualquer coisa. Uma surdez seletiva poderia ser útil em Saratoga?

— Springs. Saratoga Springs. Só Saratoga é outro lugar. Na Flórida, acho.

— É, esse nome conheço.

— Mas vamos falar disso depois, não é?

— OK.

O garçom chegou com duas tigelinhas de azeite e várias fatias toscas de pão

artesanal.

— O que você andou fazendo em Nova York?

— Oh, tanta coisa, meu Deus! Tudo aqui é totalmente *louco*, e é sempre assim. Um monte de reuniões concorridas, com muita bobajada sobre administração e leis. Os americanos sabem cuidar bem da gente, fazem tudo como deve ser, mas para isso você tem de trabalhar, trabalhar, trabalhar. Eles adoram se reunir às oito horas da manhã, logo no café da manhã! Na verdade... sou muito importante aqui...

— Não me surpreendo nem um pouco.

— Eles me paparicam.

— Eles o quê?

— Me *paparicam*, me cercam de cuidados e mimos.

— Ué, mas é isso mesmo o que deveriam fazer... E você realmente *gosta* de Nova York?

— Bem, não quero morar aqui, se é isso o que você quer dizer.

Na verdade, ele não fazia ideia do que queria dizer; apenas sentia uma ligeira vontade de questionar.

— Toda essa barulheira e a dinheirada ostensiva — ele acrescentou.

— Você acabou de dizer que gostava!

— Gosto, embora eu sempre ache que alguma coisa vai cair em minha cabeça.

— Nesta estação, de vez em quando, caem pingentes de gelo. Anos atrás, um estudante morreu por causa disso. Gostar da cidade eu gosto, sabe, mas muito menos depois que as crianças nasceram. Não consigo me imaginar tentando criar filhos aqui... Aliás, pai, eles estão muito bem, e o Tom mandou lembranças... Não só gosto da cidade como também do modo direto como os americanos agem em relação aos negócios. Não há nada aqui daquela esfregação de mãos tão inglesa e cansativa, nada de subterfúgios ou de desculpas eternas. *Mais dinheiro, menos porcaria*: essa é a simples razão por que os europeus vêm para cá e aqui trabalham. Não é isso? Além do mais, a Sony foi um bom patrão.

— Foi...?

Ao falar com o pai sobre o trabalho, ela sempre enfatizava o lado profissional: o tumulto de reuniões e transações, indistinguível do que rola nos bancos ou na advocacia. As horas em que deitava de costas, pondo fones de ouvido para ouvir gravações desprezíveis mas esperançosas, toda a ansiedade da época em que um disco novo era lançado, a montoeira de papelada eletrônica e administrativa — *tudo isso* vamos ignorar, porque o pai, com exceção de algumas canções tranquilas do Pink Floyd e em particular um trabalho excêntrico de Ian Dury, jamais teve tempo para a música contemporânea, para a música *dela*. O pai achava que todos os colegas da filha tinham a mesma aparência de Leon Russell e agiam como ele no Concerto para Bangladesh, por volta de 1971, de barba branca revolta e cabelo comprido. “Esses caras”, disse ele uma vez, espiando sobre o ombro de Helen um exemplar da revista *Melody Maker*, em que havia uma foto de alguém *parecido* com Eric Clapton, mas que não era Eric Clapton, com a cabeça jogada para trás num meio solo. “Olha só, isso é puro exibicionismo de macho em rituais de acasalamento: ele está

segurando o pênis numa das mãos” — ele apontou para o braço da guitarra — “e dedilhando o saco com a outra”. Talvez não fosse a mais original das observações, mas você nunca a esqueceria, se fosse *seu pai* a fazê-la. Isso foi na época em que o pai ainda notava tais coisas. Tendo falhado em dar um jeito em Vanessa — de óculos, desleixada e até um pouco fedida naqueles dias —, o pai voltou a atenção para Helen, disse-lhe o que ela “tinha de bom”, instruiu-a com uma advertência — “Uma mulher sabe que é atraente quando os motoristas param na confusão do trânsito para deixá-la atravessar a rua” (verdade incomodamente difícil de desmentir) — e se gabou, entre todas as tolas vaidades de homem, de nunca perder no banho mais de quatro minutos... O mais estranho é que, embora de quando em quando ele pudesse ser um chato e um merda de um egoísta, essas tendências não lhe eram inatas. Naquela época, dava a impressão de estar representando um *papel* de patriarca, como se alguém o pagasse para atuar assim. Mais tarde, porém, ela entendeu a razão: como não fazia muito tempo que a mãe tinha saído de casa para viver com o repulsivo Patrick Needham, o pai ainda estava magoado e tremendamente inseguro, com as feridas sangrando...

O garçom chegou para anotar os pedidos e não poupou elogios ao refinamento do gosto:

— Ótimas escolhas — dizendo *madam* como se fosse *madame*.

— Bem, quem vai julgar sou eu — disse Alan, assim que eles ficaram sozinhos.

— Julgar o quê?

— Se realmente fiz uma boa escolha.

— Isso é uma estranha mania americana, que, aliás, está pegando em Londres. A gente agora é elogiada por tudo. Por fazer aniversário, por pedir determinado prato, por concluir o ano na escola ou simplesmente por comprar numa loja alguma coisa bem cara.

Começaram a comer.

— Não consigo parar de pensar nisso — Helen prosseguiu. — Será que ele faz assim com todo mundo, mesmo quando há seis pessoas na mesa? Nem todas podem estar fazendo boas escolhas ao mesmo tempo, não é?

— É, parece uma questão filosófica.

Eles olharam um para o outro. Não estavam no lugar adequado para conversar sobre Vanessa, pensou Helen, quando aquela música alta — algo que ela conhecia, mas cujo nome não lembrava agora — tomava conta de todo o ambiente.

Alan, por sua vez, pensou que a *conversa* teria de ficar para depois. Meu Deus, como ele estava cansado!

Quase sem roupa na cama de hotel, depois de ter dito boa noite a Helen, ele agora estava sem sono. Um forte impulso vinha à tona sempre que Alan passava um tempo com uma das filhas — imediatamente queria falar com a outra sobre a que tinha acabado de ver. Helen e Vanessa, Vanessa e Helen... E o que ele diria agora para Van? Que Helen parecia cansada, sobrecarregada, mas não muito empolgada em voltar para Tom; que, por algum motivo — apesar da ótima renda que devia ter —, ela estava preocupada com dinheiro, mas disfarçando isso bem; que algo estranho estava acontecendo na Sony (algo que, “de certo modo”, graças a Helen, não voltou à baila no jantar); que ela ficara chateada por escolher o restaurante errado e não querer, de fato, admitir o erro (ele agora se comprazia por “perdoá-la” por isso). Não diria a Vanessa que os homens — certos homens, ou mais exatamente homens de certa idade — olhavam duas ou três vezes para Helen, e que ele mesmo nem ligava tanto se o tomassem por seu questionável marido ou namorado mais velho.

Ele olhou para os pés largos: em ambos, o mindinho era meio torto, um defeito de nascença, meio espremido ou deformado, como se um dos outros dedos o tivesse esmagado na ida ao mercado... Eram quatro horas da manhã em Northumberland, cedo demais até mesmo para a insone Candace. Ele apontou o controle para a gigantesca e imponente TV, pendurada como uma mesa vertical, o local que atualmente serve de ponto de encontro à hospitalidade de todos, e apertou os botões com dedos não muito bem treinados. As cores, mais berrantes do que na televisão inglesa, quase o levaram a pensar num esplendor árabe de iluminação (um homem teso e uma mulher bonita na bancada, com virulentos vermelhos e azuis por trás, e o letreiro de notícias tapando os seios da mulher ao correr embaixo da tela). Ele passou por cinco, sete, oito canais. A televisão americana parecia uma infinita sequência de programas de notícias locais, cujos apresentadores estavam sempre prometendo previsões do tempo. Sem dúvida, os americanos eram muito mais obcecados com o tempo do que os britânicos. Algumas vezes ele tentou obter uma previsão concreta, mas por fim desistiu, silenciou o volume e se esticou na cama — com um uísque escocês numa das mãos e o livro sobre zen-budismo na outra.

Foi impossível dormir — o ar quente explodia no quarto, a intervalos inconstantes, e embaixo da janela caminhões pareciam recolher lixo a noite toda —, mas ele já se sentia bem restaurado, por estranho que fosse, quando encontrou Helen para o café da manhã. Lá estava ela, sentada tal como em casa, sem comer nada, é claro, e tomando café com açúcar, muito aprumada, correta e controlada na cadeira — do jeito como ele a amava: os ombros largos (de Cathy), o nariz grande (dele), o traço divertido em torno da boca (o esgar sardônico em que a própria mãe de Alan já era mestra) e os lábios finos de Cathy. Até da impaciência da filha, que era um traço de família, ele gostava. Teria de dizer-lhe, como agora fez: — Acho que temos muito tempo, não há pressa — e ela teria de replicar, como fez agora: — Eu nunca disse nada sobre estar com pressa.

Toda vez que ele via as filhas, elas o interessavam tanto, e esse interesse se satisfazia tão simplesmente que ele sempre era tomado de um renovado espanto por não as ver com mais frequência. Extraordinário o poder que a família tinha para eclipsar todas as outras considerações, todos os outros desejos e insatisfações: talvez ele tivesse temido aquilo, reconhecendo seu fanatismo cativante. Se você cedesse a isso, nada mais faria na vida, nada mais teria construído. E ao lado da família tinha sempre existido a empresa — a *empresa*, essa palavra que as pobres crianças ouviam provavelmente todos os dias, quando eram novas. Palavra em torno da qual devem ter aprendido a andar nas pontas dos pés, como se passassem pela porta fechada de um quarto de doente. *Estou fazendo isso pela empresa! Se a empresa for para o brejo, tudo então vai junto com ela! Veja, construí uma grande empresa, e isso exige esforço!*

— Não me diga que você dormiu mal à beça, que estava quente demais e você não podia abrir a janela, e que os caminhões de lixo chegaram às quatro da manhã, parecendo bombas explodindo bem do lado de fora da janela — Helen tinha aquele traço melancólico novamente nos olhos.

— Na verdade, nem tão mal. Eu me sinto muito bem.

— Pois dormi muito mal. E o Tom já me falou que os gêmeos, os dois, amanheceram hoje terrivelmente resfriados.

— Que coisa! Sinto muito em saber... Mas você não voltaria agora, não é? — foi um pouco como se precisasse de apoio que ele disse isso; não conseguiria sozinho visitar Vanessa.

— Não, de jeito nenhum. O Tom que trate de se virar desta vez. Não se preocupe: vou passar o fim de semana aqui, como prometi.

Os dois saíram a pé do hotel. O frio hoje estava muito menos assustador, embora ele ainda precisasse do gorro de lã. Ambos arrastavam maletas com rodinhas, e o barulho em dobro do plástico de granulação grossa na calçada fez com que os nova-iorquinos olhassem ao redor, apesar de nunca, de fato, para

lhes dar passagem. Suas palavras expiravam em vapor.

Ele andava um pouco mais rápido do que queria. Com Helen ao lado, tinha sempre a impressão de uma mulher alta dando longas passadas. Na boca da estação do metrô — pavorosamente caótica, com a despropositada gritaria americana mais uma vez em ação —, ela o pegou pelo braço, gentilmente o guiou até a escada rolante e eles desceram para o que parecia ser um decaído centro comercial subterrâneo: uma farmácia suja (combinação contraditória na Europa), uma franquia das rosquinhas Krispy Kreme, uma loja gradeada da Staples e um ar dos mais insalubres, que cheirava a canela, a queijo e... a vômito? Um trem local devia ter chegado, e ele e Helen de repente já estavam aos empurrões contra ondas colossais de passageiros em trânsito, milhares de pessoas comuns indo juntas para o trabalho, e a maioria marchando — a julgar por tantos fones de ouvidos — pela batida dos próprios tambores. O piso parecia tremer. Foi um consolo para Alan entrar numa fila dócil para o Adirondack, o trem com destino a Albany e Saratoga Springs.

— Ô pai, será que você nunca andou num trem americano?

— Acho que não.

— Então prenda bem o cinto de segurança.

E mais uma vez os dois foram descendo, por mais uma escada rolante estreita, para embarcar na plataforma num vagão que lembrava algum desenho futurista de um dos gibis para crianças de que ele tanto gostara em seus tempos: um foguete horizontal de aço polido corrugado, janelas defensivamente pequenas, rodas possantes. A locomotiva, como máquina, era um sólido bloco primitivo. Para abrir as portas pesadas do vagão, você tinha de apertar um gatilho disparado por mola. Dentro do vagão, havia um amplo espaço desocupado de plástico e pano em tons marrons e alaranjados de outono. Os assentos eram duas vezes mais largos que os de um trem inglês. O ar quente rugia dos matraqueantes respiradouros circulares que pareciam drenos de plástico. O trem andou e logo depois parou. Voltando a andar, acelerou rudemente para levá-los a balançar por túneis fuliginosos. Locomoviam-se agora mais ou menos no ritmo de um velho trem inglês a vapor em zona rural. Em 1951, quando ele e os pais fizeram a grande viagem a Londres, a primeira dele, para a exposição do Festival Britânico, o trem a vapor chegava a quase 150 quilômetros por hora... Tinha então 12 anos. Era um garotinho de calças curtas cinzentas... vestindo o uniforme da escola, porque todas as suas roupas estavam gastas demais e não havia dinheiro suficiente para comprar para ele um paletó novo. Mas isso não o constrangia; na verdade, até o punha orgulhoso, por dar a impressão de que ia a Londres para receber algum tipo de prêmio ou bolsa de estudos, e o uniforme era muito distinto (com uma cruz de são Cutedberto, em arame de prata, no bolso do peito). Usando-o, ele se sentia e agia como um lorde. Muitas vezes os pais lhe haviam falado do dia em que o tio Dan (a única pessoa da família a ganhar algum dinheiro antes dele) o levara para um requintado chá da tarde no Royal County Hotel, em Durham. O hotel de luxo. O pequeno Alan, que na ocasião também estava com o uniforme da escola, fez na entrada um gesto principesco ao dar para o porteiro o quépi; e o jovem serviçal, provavelmente só uns dez anos mais velho do que ele, docilmente aceitou

aquele quípi de farda, que manteve sob sua guarda até o chá terminar... Em Londres, ninguém olhou duas vezes para o menino uniformizado. Mas ele nem ligou para isso, desde que chegou ao local do Festival Britânico. Era no South Bank, perto do rio. Logo ali estava o Tâmis, lento, barrento e carregado de história, e a ele se sobrepunha a exposição grandiosa, como que a lhe fazer reprimenda: porque o Festival era O Futuro! Todos os garotos de sua idade iam direto para o Domo da Ciência, que tinha robôs ao estilo de 1950 movendo-se para cima e para baixo pelo enorme salão e onde qualquer um podia enfiar a cabeça dentro da turbina (inventada pelo inglês Frank Whittle) de um De Havilland Vampire, o caça a jato da RAF que chegou tarde demais para fazer algo de útil na guerra. Havia estandes sobre veículos anfíbios, carros elétricos e novos helicópteros, além de um avião capaz de decolar e pousar na vertical, do mesmo modo que um helicóptero. Um engenheiro de jaleco branco escolheu Alan e outro garoto, o que foi emocionante, para o Grande Jogo do Radar. Numa sala escura, os meninos tinham de olhar para uma tela cheia de pontos em movimento, numa réplica de uma típica noite durante a *Blitz*, em que os pontos representavam bombardeiros alemães. Clicando num botão, os dois garotos destruíram todos os aviões, como se fossem pombos de barro, e salvaram Londres. Depois de tantas aventuras (e de uma entediante passada pela mostra sobre a história dos jardins ingleses, que ele aguentou por causa da mãe — quando agora *sua* grande paixão de adulto era justamente a jardinagem...), houve um lauto chá da tarde no Turntable Café, que ao longo de cada hora fazia uma rotação de 360 graus e era decorado com milhares de discos de gramofone.

Ele ainda podia ver muito bem esse velho mundo, apesar das várias décadas já transcorridas, onde todos se vestiam de marrom, preto e cinza. As pessoas coincidiam, parecendo-se muito mais umas com as outras do que hoje em dia. Os homens, naquelas calças largas e cinza de cintura alta, tinham o hábito de andar de mãos nos bolsos jogando os quadris para a frente — a um modo até um pouco feminino, como ele agora achava. Todos eram mais modestos — quer na expressão, quer nas expectativas. A comida ainda era racionada: e ele se lembrava do momento, dois ou três anos depois, em que o tio Dan tirou alguma coisa de um pacote e indagou: “Você sabe o que é isso?”. Confuso, Alan olhou para o punhado de pedrinhas lascadas, irregulares, cor de areia, e fez que não com a cabeça. O tio Dan, vaidoso, exclamou em triunfo: “É amendoim”. Na viagem de volta da exposição em Londres, ele estava faminto, mas não havia o que comer. Lembrava-se disso, de sentir fome. Mas o trem, apesar dos pesares, andava numa velocidade incrível, afogueado e espantoso no avanço barulhento pela tranquilidade dos campos.

— Ele anda mais rápido do que isso? — eles tinham saído de Nova York e, por entre as árvores, o rio Hudson cintilava.

— Não muito mais... mas é raro haver grandes acidentes como os que acontecem na Europa. Na verdade, fico até amedrontada quando esses trens tentam ir depressa demais! E a gente pode aproveitar as viagens, que sempre duram muito, para fazer algum trabalho.

— Espero não incomodá-la — nem haveria como, pois ela já estava com o *laptop* no colo. Era impossível ele competir com a tela eletrônica.

— Você também tem coisas a fazer? — ela perguntou.

— Nada que não possa esperar. Em algum momento eu gostaria de conversar sobre Vanessa — a frase lhe soou mais formal do que era a intenção.

— Claro — disse ela, de um modo bem profissional, como se em face de uma tarefa que, apesar de mal remunerada, era necessária. — Vamos fazer isso logo para termos um plano para os próximos dias.

— Espero não precisarmos exatamente de um *plano* — ele disse, muito embora pensasse que algum tipo de estratégia era mesmo necessário. — A coisa não é assim tão feia, é?

— Não faço ideia. Agora, pensando bem, nenhum de nós conhece Josh, mas ao longo dos anos passamos algumas vezes por esse mesmo problema com Vanessa — delicadamente, ela olhou para a tela do *laptop*.

— Ela apenas precisa de nós neste momento, e é por isso que estamos aqui.

— Oh, pai, quem dera fosse assim tão simples!

— Não disse que é simples. Por Deus, simples *você* também não é.

— Mas você não se lembra do primeiro “episódio”? Quando ela fugiu da escola? Foi a reação atrasada de Vanessa ao divórcio. Agora podemos entender isso. Sem dúvida, aquele tempo foi muito difícil para todos, mas por que ela o encarou de modo tão diferente de você ou de mim? Apesar do acontecido, fomos em frente. Mas ela explodiu num bilhão de pedacinhos; e como ela *me* atacou na época, como se fosse *eu* a causa de tudo!

— Quem sabe a saída lógica, depois de tanta tristeza, fosse *mesmo* explodir em pedacinhos?

— Mas ela então tinha de se voltar contra você ou a mãe, e não contra mim — novamente, ela olhou para a tela; os dedos, tal como os de um pianista a ponto de começar a tocar, pairavam sobre o teclado. Alan ficou magoado quando ela disse “contra você ou a mãe”. Foi Cathy, afinal, quem saiu de casa, Cathy quem teve um caso, Cathy quem o largou com duas filhas pequenas.

Mais calmo, ele se perguntou se a ira de Helen não era em parte pura formalidade. Soar exasperada era como ela achava que *devia* soar. Não era de hoje que o circuito fechado da relação em família impunha a Helen *fazer* coisas, enquanto Vanessa *pensava* coisas. De fato, como Alan sabia, Helen era carinhosa, generosa e mesmo sentimental. No tal primeiro “episódio”, Vanessa fugiu do colégio interno em Shropshire. Alan tinha recebido um telefonema da diretora de Vanessa, a temível senhorita Plummer, uma classicista cujo prenome era magnificamente Athena e que certa vez dissera para Alan, quando ele perguntou qual era o objetivo de estudar grego antigo numa moderna escola inglesa de meninas: “O *objetivo*? O objetivo, é claro, é ler Heródoto no original!” Athena Plummer comunicou que Vanessa estava desaparecida havia oito horas. Se ela não aparecesse até às sete da noite, a escola chamaria a polícia. A senhorita Plummer suspeitava que Vanessa tivesse ido para o norte, para a casa dos pais. Alan não teve coragem de dizer àquela mulher extraterrena que provavelmente sua casa era o último lugar do mundo para o qual Vanessa pensaria em ir. Ela pegou um ônibus para Bristol, à procura de uma garota mais velha que saíra da escola um ano antes e estudava na universidade lá; passou uns dias com essa estudante, dormindo no chão, depois ligou para casa. Foi

Helen, extraordinariamente madura para seus 13 anos, quem falou com Vanessa ao telefone e persuadiu-a a voltar para a escola. E, quando se soube que o destino de Vanessa seria decidido pela diretora — a situação na escola era delicada não só por causa da fuga como também porque, apesar de isso estar meio obscuro, ela poderia ter levado consigo o radiotransistor de outra garota —, foi Helen quem pegou a máquina de escrever da casa, carregou-a para o quarto e escreveu uma carta íntima para a diretora, expondo os problemas da família, a separação dos pais, a finalização do divórcio, a tristeza e a raiva de Vanessa, e como até ela mesma, Helen, várias vezes também tinha pensado em fugir. Helen não sabia que o pai tinha visto a carta, enviada a ele pela diretora, que num bilhete a dizia “extraordinária”. Belamente extraordinária. Alan teve de se controlar enquanto a lia.

— Tudo isso é história antiga — disse ele tranquilamente. — É coisa dos velhos tempos. Agora, quando chegarmos a Saratoga Springs, o que será que devemos fazer? Quero dizer, você acha que o estado dela... é grave?

— Se é grave? Ah, quer saber, não aguento mais avaliar os ataques de Vanessa, determinando a ferocidade dos “demônios” e fazendo para cada drama uma crítica. Talvez até fosse bom, por pelo menos uma vez, nem sequer estar na plateia?

Ele apenas fechou os olhos, sem dizer nada, e ela o pegou pela mão, retendo os dedos médios do pai.

— Por que então estou aqui? É isso o que você está pensando, não é? Desculpe... Mas, sabe, é a lei de Newton, para cada ação existe uma reação. Veja, encaminhei o *e-mail* para você. É por isso que nós dois estamos aqui.

— O que Josh quis dizer quando falou sobre a “história” de Vanessa? Você acha que ela contou para ele, recapitulando tudo desde o início?

— Calma, pai, você não está sob observação! *Não é você* o paciente.

— O que terá acontecido na escada? Foi acidente? Eu devia ter escrito para Josh.

— Não sei ao certo, mas tudo isso me parece mais uma das encenações de Vanessa — Helen disse.

— Pelo amor de Deus, Van sem dúvida nos “surpreendeu” ao longo dos anos, mas eu gostaria de pensar que não tenho uma filha capaz de se jogar do alto da escada só por sentir uma tremenda vontade de fazer isso.

— Sei que você está zangado, pai.

— Não estou zangado.

— Está certo, se é você quem diz... Eu mesma não sei se foi só um acidente. O que sei é que nesses últimos meses aconteceu alguma coisa suficiente para assustar o primeiro namorado de Vanessa em muitos anos. Será que isso basta? É por isso que estou aqui. O que podemos fazer é não ficarmos zangados nem alarmados e descobrir o que está por trás de tudo. Por trás ou por baixo.

— Estou muito contente que esteja aqui — disse ele. Ela continuava segurando os dedos dele, o que para ele era um descuido infantil maravilhoso. Então, soltando-os, ela se virou para ele.

— Sabe que dois anos atrás quase deixei Tom? Que quase saí de casa com os gêmeos?